

Cartilha Educativa Antirracista: Na Nossa Pele!



» ESCOLA ◀
ANTIRRACISTA
formar para transformar

IESA
portas
abertas
FORMAÇÃO INCLUSIVA E INTERCULTURAL

CAB IESA
BANK

Apoio: Secretaria de Educação

Prefeitura
de Salvador



Daniela Lima de Andrade Borges
Presidente da OAB-BA

Hermes Hilarião Teixeira Neto
Vice-Presidente da OAB-BA

Cléia Costa dos Santos
Secretária-Geral OAB-BA

Raphael Pitombo de Cristo
Secretário-Geral Adjunto OAB-BA

Daniel Cardoso de Moraes
Tesoureiro OAB-BA

Sarah Barros Galvão
Diretora Geral da ESA-BA

Lilian Oliveira de Azevedo Almeida
Vice-Diretora da ESA-BA e
Coordenadora da Escola Antirracista

Jonata Wiliam Sousa da Silva
Diretor da ESA-BA e Coordenador da Escola Antirracista

Luciano Lima Figueiredo
Diretor da ESA-BA

Ubiraja Gondim de Brito Ávila
Diretor da ESA-BA

Apoio: Secretaria Municipal de Educação - SMED

Escola Antirracista da Escola Superior de Advocacia
- OAB/BA.

Cartilha educativa antirracista: na nossa pele! /
Escola Antirracista. – Salvador: ESA OAB-BA, 2025.
20 p. Ilustrada.

APRESENTAÇÃO

Educação é um direito social, e Educação Antirracista é um dever formativo ancestral. Assegurada pela Constituição Federal, a Educação é um direito que visa à garantia do bem-estar social e a Educação Antirracista é uma práxis pedagógica disruptiva, insubmissa e insurrecional que refuta a suposta universal superioridade cognitiva europeia em favor da sapiência pluriversal azeviche africana e afro-brasileira, promovendo ensinâncias e aprendizagens à luz de epistemes, estéticas e poéticas negras para, conscienciosamente, combater a chaga social chamada racismo.

Infelizmente, apesar de 22 anos da Lei n.º 10.639 (09/01/2003), que obrigou o ensino sobre Histórias e Culturas Afro-Brasileiras nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio e a inclusão do dia 20 de novembro como “Dia Nacional da Consciência Negra”, ainda não é promovida uma efetiva Educação Antirracista nos mais distintos espaços formativos, que deveriam contribuir para uma mudança comportamental no que tange às relações intra e inter- pessoais, para que finalmente as pessoas negras tenham a garantia da plena cidadania sem violação dos direitos civis, políticos e sociais.

Cônsua de que a educação é a única alavanca que nos levará – enquanto pessoas pretas – a definitivamente trancafiar os cadeados das senzalas e criar as futuras Wakandas nos mais distintos espaços acadêmico-profissionais, a Escola Antirracista (ESA OAB-BA) lança esta Cartilha Educativa Antirracista “Na Nossa Pele” que nos convida a refletir acerca de/interferir neste país de discurso dissimuladamente igualitário,



mas de lamentáveis práticas racistas diuturnas. Este material informativo apresenta identidades e assimetrias raciais, desmitifica o mito da democracia racial e desvela o brilhantismo da nossa produção intelectual preta.

Esta Cartilha contribui para as/os leitoras/es acessarem instrumentos jurídico-normativos nacionais que protegem as pessoas negras e também para conhecerem conceitos basilares para o combate ao racismo numa perspectiva teórico-prática, objetivando que promovam transformações sociorraciais nesta nossa brasileiríssima Pátria-Mãe-Hostil. A cantora baiana negra e Ministra da Cultura do Brasil Margareth Menezes entoa que “a nossa pele é linguagem e a leitura é toda sua”; então, que o ideal negrodiaspórico deste compêndio ancore novos olhares antirracistas para todas/os que têm na pele a cor da noite.

Dra. Régia Mabel da Silva Freitas
(Pesquisadora de Raça e Gênero)

Referência a Wakanda, país fictício do filme “Panteras Negras” (2018), no qual uma nação negra edificou um soberano reino com prodígios científicos e tecnológicos.

Quem somos —



A Escola Antirracista (ESA OAB-BA) nasceu em março de 2025 e transforma a missão da advocacia — proteger direitos e promover justiça — em formação, mediação e ação nas comunidades e instituições. Atuamos com materiais simples, rodas de conversa e grupo de estudos, em diálogo com redes diversas: órgãos do sistema de justiça, universidades, escolas, secretarias, movimentos sociais e organizações da sociedade civil.

Missão: formar para transformar.

1. O CONTEXTO E A REALIDADE

A Bahia é o Estado com o maior quantitativo de população negra do Brasil. Em Salvador, por exemplo, temos 83% da população negra, conforme a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNADC), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (2023).

Embora a Constituição Federal Brasileira repudie o racismo, simplesmente proibir a discriminação não é suficiente para garantir a efetividade do princípio da igualdade.

2. CONSTRUÇÃO DE RAÇA E IDENTIDADE

Por Que Falar em Raça?

O conceito de raça é um tema complexo e frequentemente mal interpretado. Somos todos humanos? Biologicamente, sim! Socialmente, temos uma discussão mais complexa.

O termo "raça" é uma construção social que se refere a um conjunto de características que diferencia os seres humanos.

Embora essas características não tenham sustentação científica sólida, elas são profundamente enraizadas na sociedade. A definição de raça é fluida, variando conforme o contexto histórico e social.



Miscigenação: O Mito da "Democracia Racial"

O Brasil é frequentemente descrito como um país mestiço, mas essa afirmação pode ser problemática. A ideia de que "não há brancos ou negros, apenas mestiços" minimiza a realidade das experiências raciais distintas que diferentes grupos enfrentam.

O IBGE classifica a população em categorias como brancos, pretos, pardos, amarelos e indígenas. A soma das populações preta e parda é considerada a população negra.

É fundamental abordar a miscigenação de forma crítica, evitando a romantização da chamada "democracia racial", que muitas vezes esconde as desigualdades raciais persistentes e a opressão.

Identidade: O Poder da Autodeclaração

O critério aceito para a definição da identidade étnico-racial é a **autodeclaração**. Esse processo permite que um indivíduo se identifique como pertencente a uma determinada raça ou etnia.

A autodeclaração é importante para a implementação de políticas públicas e ações afirmativas.

Quem é negro?

No Brasil, a discriminação racial é frequentemente baseada na aparência, ou fenótipo.

Ter pais ou avós negros não te identifica automaticamente enquanto negro, pois a identidade racial é um aspecto pessoal e subjetivo. Para fins de políticas afirmativas, a autodeclaração deve ser honesta e refletir a vivência e a experiência de discriminação enfrentadas ao longo da vida.

As bancas de heteroidentificação são muito importantes para conferir a autodeclaração, evitar fraudes e garantir que as políticas afirmativas cheguem a quem de fato sofre racismo.

3. OS TRÊS NÍVEIS DO RACISMO

O racismo é um sistema de opressão que acontece quando se acredita que existem "raças" humanas diferentes, e que algumas são superiores a outras. O racismo não é apenas uma questão de preconceitos pessoais; ele está presente em nossas instituições, leis e na sociedade de maneira geral, criando desigualdades.



- **Racismo Individual:** Refere-se às atitudes, crenças e comportamentos de um indivíduo que manifestam preconceitos raciais.
- **Racismo Institucional:** É uma forma mais complexa de discriminação que ocorre dentro das instituições sociais, políticas e econômicas. As práticas e políticas de uma instituição podem perpetuar desigualdades raciais, mesmo que não haja intenção explícita de discriminação
- **Racismo Estrutural:** É a forma mais abrangente e profunda de racismo, funcionando como uma norma social e institucional que naturaliza a desigualdade racial em várias esferas da vida. Ele está embutido nas estruturas sociais, econômicas e políticas do país, influenciando tudo, desde o acesso à educação e à saúde até as oportunidades de emprego.

4. ESCOLA, LEI E PODER

A Escola é Fundamental

Falar sobre racismo nas escolas é super importante para construir uma sociedade mais justa e igualitária. A educação tem um papel essencial na formação de valores e na conscientização dos jovens.

Representatividade: espelho da democracia

O Brasil é um país de maioria negra (pretos e pardos). No entanto, historicamente, a maioria das pessoas que ocupam cargos de poder é branca.

A Representatividade Racial é a busca para que os espaços de poder tenham a "cara" da população brasileira. Ter pessoas negras ocupando posições de lide para a qualidade da nossa democracia.

5. COMO SER ANTIRRACISTA NA PRÁTICA?

Ser antirracista não é apenas não ter preconceito, é agir ativamente contra o racismo e a desigualdade.

- **Reconheça e Escute:** Entenda o fenômeno do racismo e valorize as experiências e narrativas das pessoas negras.
- **Seja a Voz Ativa:** Interrompa piadas, comentários e atitudes racistas. Lembre-se que o racismo é crime no Brasil.
- **Seja um/a agente de transformação:** Apoie a representatividade e a inclusão de pessoas negras em todos os espaços (política, trabalho, mídia). Estude e compartilhe o conhecimento para desconstruir o racismo.

6. NOSSAS RAÍZES: APRENDER PARA TRANSFORMAR

A leitura racializada ajuda a entender a história do racismo e suas manifestações ao longo do tempo, permitindo que se reconheça como essas questões impactam a sociedade contemporânea.

O acesso a essas narrativas promove a visibilidade de vozes e histórias que foram historicamente silenciadas ou marginalizadas, proporcionando uma perspectiva mais completa.

Apresentamos, portanto, uma lista bibliográfica de pessoas negras que servirão de inspiração para vocês!

I. Obras Não Literárias (Ensaaios e Teoria)

- **ADICHIE**, Chimamanda Ngozi. O perigo de uma história única. Tradução de Julia Romeu. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- **FANON**, Frantz. Pele Negra, Máscaras Brancas. Tradução de Renata Maria Coimbra Libonati. Salvador: EDUFBA, 2008.
- **GONZALEZ**, Lélia. Por um Feminismo Afro-Latino-Americano. Organização de Flávia Rios e Márcia Lima. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.
- **RIBEIRO**, Djamila. Pequeno Manual Antirracista. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- **VAZ**, Livia Sant'Anna. Cotas raciais. São Paulo: Jandaíra, 2022. 232 p. (Coleção Feminismos Plurais).
- **PRATES**, Anamaria Barroso; **SILVA**, Antônio Pedro Ferreira da; **PINHEIRO**, Germana (orgs.). Direito negrorreferenciado. Salvador: Mente Aberta, 2021-2024. Coleção em 4 v.

II. Obras Literárias (Ficção e Crônica)

- EVARISTO, Conceição. Olhos D'Água. Rio de Janeiro: Pallas, 2014.
- JESUS, Carolina Maria de. Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada. São Paulo: Ática.
- RAMOS, Lázaro. Na minha pele. 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2017.
- TENÓRIO, Jeferson. O avesso da pele. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.
- VIEIRA JUNIOR, Itamar. Torto Arado. São Paulo: Todavia, 2019.
- BERNARDES, Claudine. Fabinho, da roça aos tribunais. Ilustrações de Alexsaymour Batista. [S.l.]: Turminha do Bem, 2024.

7. DIREITO DE SER QUEM SOMOS

Ser e pertencer é um direito. Nossa cor, nosso cabelo, nossa família e nossa história merecem respeito.

A Constituição e as leis do Brasil garantem que ninguém pode ser discriminado por causa da cor da pele, religião, origem ou jeito de ser.

Mas esse direito só se torna real quando é vivido no dia a dia: na escola, nas ruas e em casa.

Aprender nossa história também é um direito

Durante muito tempo, as escolas ensinaram o Brasil de forma incompleta, esquecendo as vozes e as histórias de quem o construiu com o corpo, a fé e o trabalho.



Por isso, foram criadas duas leis importantes:

- Lei nº 10.639/2003

Tornou obrigatória nas escolas a História e Cultura Afro-Brasileira, mostrando o papel e a contribuição dos africanos e de seus descendentes na formação do país. Foi uma conquista do movimento negro, que lutou para que a história fosse contada com verdade e respeito.

- Lei nº 11.645/2008

Ampliou essa obrigatoriedade para incluir também a História e Cultura dos Povos Indígenas.

Essas leis determinam que o ensino mostre como negros e indígenas ajudaram a construir o Brasil em todas as áreas — na arte, na economia, na política e na cultura.

- Por que isso importa?

- * Ensinar essas histórias é combater o racismo.

- * É aumentar a autoestima de alunos negros e indígenas.

- * É valorizar a diversidade e reconhecer que o Brasil é feito de muitas raízes.

- * A pluralidade de saberes fortalece a democracia representativa.

Mas ainda há desafios: nem todas as escolas aplicam as leis como deveriam. Às vezes o tema aparece só em datas específicas, como o 20 de novembro ou o 19 de abril.

Por isso, professores e alunos podem ser parceiros nessa mudança, trazendo esses conteúdos para as aulas de forma viva e cotidiana — nas leituras, nos murais, nas músicas e nas conversas.

Na prática

Ter liberdade para usar o cabelo do jeito que quiser — trançado, crespo, alisado ou raspado — faz parte da identidade.

O mesmo vale para o direito de viver a própria fé, usar turbante, falar da sua história e se reconhecer como negro ou negra com orgulho.

Quando a escola respeita quem somos, ela ensina o que há de mais importante: a humanidade.

Respeito não é favor, é regra de convivência!

8. DESAFIOS ANTIRRACISTAS

Ser antirracista é mais do que “não ter preconceito”. É agir, cada um do seu jeito, para que o racismo não se repita.

Às vezes é com a palavra, às vezes é com o exemplo ou com atitudes que protegem ante uma situação de abuso.

Na escola, isso pode acontecer assim:

- Ouviu algo racista? Pare, não ria, não repita — e, se precisar, busque um adulto de confiança para ajudar.
- Se se sentir seguro(a), converse depois com o colega, com calma, explicando por que não foi legal.
- Apoie quem foi ofendido — um “estou com você” faz diferença.
- Participe das ações da escola sobre respeito e diversidade; ajude a pensar novas ideias.

Pra pensar junto:

“Como minha turma pode ser um lugar onde todos se sintam respeitados e seguros?”

Exemplos que inspiram:

Marcha das Mulheres Negras

Em 2015, mais de 100 mil mulheres negras de todas as regiões do Brasil marcharam em Brasília contra o racismo, a violência e pelo bem viver. Foi um momento histórico: uma grande caminhada que mostrou a força, a união e a esperança das mulheres negras — mães, jovens, trabalhadoras, intelectuais e líderes comunitárias. Essa Marcha marcou a história do país e influenciou o movimento das mulheres negras em toda a América Latina.

Quase dez anos depois, em 25 de novembro de 2025, milhares de mulheres negras estarão novamente em marcha, levando o legado das que vieram antes e projetando um futuro de reparação, justiça e bem viver para todas as pessoas.

A Marcha ensina que lutar juntas é possível — e que o respeito começa quando a gente reconhece a força e a história umas das outras.



Projeto Cores da Igualdade (CE)

O projeto "Cores da Igualdade", criado por alunos e professores de Direito da Unifor, no Ceará, foi um dos destaques e vencedor da edição 2024 do Prêmio Conciliar é Legal, promovido pelo Conselho Nacional de Justiça.

Seu objetivo principal é promover a educação antirracista em estudantes do Ensino Médio de Fortaleza, utilizando a Comunicação Não Violenta (CNV) para fomentar o diálogo sobre racismo, inclusão e equidade racial.

9. GLOSSÁRIO ANTIRRACISTA

Um mini dicionário pra ajudar nas conversas:

Ações afirmativas (o que são?): políticas temporárias para abrir oportunidades onde houve exclusão.

Para guardar: ações afirmativas não tiram direitos de ninguém — elas equilibram o jogo para que todas e todos tenham chance real.

Antirracismo: agir para mudar situações de racismo.

Bem viver: viver com respeito, equilíbrio e solidariedade.

Colorismo: quando pessoas de pele mais clara são tratadas melhor do que as de pele mais escura.

Fenótipo: características da aparência (cor da pele, tipo de cabelo, traços do rosto) — o que a gente vê — e que muitas vezes vira alvo de discriminação.

Lugar de fala: a sua identidade (como raça, gênero, classe social, sexualidade, etc.) e as experiências coletivas que ela acarreta afetam a maneira como você percebe e se manifesta sobre um determinado assunto.

Racismo estrutural: quando o racismo está “nas regras” da sociedade, em costumes e decisões que parecem normais, mas criam desigualdades.

Reparação: reconhecer e corrigir desigualdades deixadas pelo racismo e pela escravidão.

Representatividade: ver pessoas negras em todos os lugares — na TV, nos livros, na escola, nas lideranças.

10. RACISMO RELIGIOSO E A COMUNIDADE ESCOLAR

Respeitar a fé do outro é respeitar quem essa pessoa é. Quando uma religião é ridicularizada, atacada ou proibida, isso não é “opinião”: é violência. E quando os ataques se concentram nas religiões de matriz africana, como Candomblé e Umbanda, estamos diante do racismo religioso.

O racismo religioso acontece quando alguém é tratado de forma desigual, humilhado, ameaçado ou impedido de viver sua fé por causa de seus símbolos (turbante, fio de contas, roupas brancas, folhas, tambores), dos espaços sagrados (terreiros) ou de suas práticas (cantos, rituais, danças).



É uma forma de racismo e fere a Constituição Federal e as leis de proteção à liberdade religiosa e aos direitos humanos.

A escola, seja pública ou privada, é espaço de formação de pessoas e de convivência democrática. No caso das escolas públicas, elas integram diretamente o Estado brasileiro, que é laico. Isso não significa ser “contra a religião”, e sim garantir que nenhuma fé seja imposta ou privilegiada. Já as escolas privadas, ainda que tenham seus projetos próprios, também devem respeitar os direitos humanos e a dignidade de todas as religiões e das pessoas sem religião. A laicidade e a educação antirracista não podem ser usadas para apagar religiões negras e indígenas, historicamente perseguidas e criminalizadas no Brasil. Uma educação antirracista reconhece essa história e protege o direito de crianças, adolescentes e trabalhadores da educação de existirem com suas crenças, sem medo.

Na prática, o racismo religioso pode aparecer na escola de muitas formas, por exemplo:

- estudante que usa turbante, fio de contas ou roupa branca é chamado de “macumbeiro”, “do mal” ou “feiticeiro”;
- professora ou funcionário de terreiro vira alvo de piadas, comentários maldosos ou fofocas em corredores e grupos de mensagens;
- atividades pedagógicas e festas escolares valorizam apenas símbolos e datas de uma religião, ignorando outras expressões de fé presentes na comunidade.

Essas situações não são neutras. Elas reforçam a ideia de que certas religiões, quase sempre associadas à população negra, seriam inferiores, perigosas ou menos “civilizadas”. Isso atinge a autoestima de estudantes, gera sofrimento emocional, afasta crianças e adolescentes da escola e fortalece desigualdades raciais.

Por isso, uma escola antirracista precisa cuidar da diversidade religiosa com seriedade. Isso envolve:

- não tolerar piadas e xingamentos sobre a fé de ninguém e estimular o respeito nas relações entre estudantes;
- formar professoras, professores e equipes gestoras para reconhecer e enfrentar o racismo religioso, inclusive quando aparece “disfarçado” de preocupação moral;
- incluir a história e a contribuição das religiões de matriz africana nos conteúdos de sala de aula, nas disciplinas afeitas às Ciências Humanas e Sociais;
- registrar e acompanhar situações de racismo religioso, garantindo escuta, acolhimento e encaminhamentos adequados para proteção de estudantes e trabalhadores. Quando a escola protege a liberdade religiosa e enfrenta o racismo, ela não favorece uma crença específica: protege o direito de existir de cada estudante, professor, funcionária, mãe, pai e responsável.

QUADRO 1 – PARA PENSAR COM A TURMA

- Na nossa escola, todas as religiões e também as pessoas sem religião se sentem respeitadas?
- Que piadas ou frases sobre fé a gente escuta no dia a dia e não deveria naturalizar?

QUADRO 2 – PARA A EQUIPE ESCOLAR (GESTÃO, DOCENTES, FUNCIONÁRIOS)

- O Projeto Político-Pedagógico (PPP) e o Regimento falam claramente de liberdade religiosa e combate ao racismo religioso?
- Nossas festas, projetos e atividades representam a diversidade religiosa e cultural da comunidade escolar?

Ao assumir o combate ao racismo religioso como compromisso pedagógico e institucional, a escola afirma que a liberdade de crença e de não crença faz parte do direito à igualdade racial. A Escola Antirracista da ESA OAB-BA busca parcerias com essa missão: uma educação em que cada estudante possa aprender sem abrir mão da sua história, da sua cultura e da sua espiritualidade.

10. MENSAGEM FINAL

As palavras que a gente escolhe dizem muito sobre o mundo que queremos construir.

Palavras podem ferir, mas também podem curar, ensinar e libertar.

Ser antirracista é aprender todo dia — a ouvir, respeitar e transformar.

Comece na sua escola, no seu grupo, na sua família.



“É necessário sempre acreditar que o sonho é possível,
Que o céu é o limite e você, truta, é imbatível.
Que o tempo ruim vai passar, é só uma fase,
E o sofrimento alimenta mais a sua coragem.”

— Racionais MC's



Apoio:

Secretaria da
Educação



Prefeitura
de Salvador

Acompanhe nossas redes sociais

@esa_ba | @oab.ba